

PROJETO DE PESQUISA E DE ENSINO: BUSCANDO CONTRIBUIÇÕES À FORMAÇÃO DO EDUCADOR.

Maria Antônia de Souza, Doutora em Educação. Programa de Mestrado em Educação.
Universidade Tuiuti do Paraná. Email: masouza@uol.com.br

Sydione Santos, Mestre em Educação. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Email:
demet@uepg.br

Introdução

O objetivo central deste trabalho é apresentar elementos teórico-metodológicos que possibilitem a *reflexão sobre o desenvolvimento da pesquisa nos projetos de ensino*, especialmente nos cursos vinculados à formação do educador. Na atualidade, há muitas indagações a respeito da dicotomia ensino-pesquisa e extensão, ao lado das experiências em desenvolvimento nas universidades que procuram articular ensino e pesquisa ou a trilogia ensino-extensão e pesquisa.

Parte-se do pressuposto que a pesquisa na esfera universitária possibilita o aprimoramento do ensino e dos projetos de extensão, portanto, amplia a função social da universidade e por sua vez possibilita um ensino baseado em inquietações, além da reconstrução e transmissão dos conhecimentos historicamente construídos.

Ao longo da discussão são destacados dois projetos de ensino, desenvolvidos na Universidade Estadual de Ponta Grossa, tendo fortes vínculos como curso de Pedagogia. O primeiro projeto sob o título “Universidade: que espaço é este?”, teve duração de dois anos (2001 e 2002), tendo sido a sua segunda edição. O segundo projeto sob o título “Construindo elos integradores no curso de Pedagogia”, teve duração de 2 anos (2000 e 2001). Estes dois projetos de ensino possibilitaram a realização do exercício da pesquisa, uma vez que os membros envolvidos puderam eleger temas de interesse, para investigação no âmbito escolar, universitário e da comunidade escolar em determinados bairros do município de Ponta Grossa.

É importante destacar que durante o período de existência dos projetos, foram apresentados trabalhos nos Congressos “Internacional de Educação”, realizado em Cianorte/PR, no ano de 2001 e “Interestadual de Educação”, realizado em Francisco Beltrão/PR, no ano de 2003.

O texto está estruturado em três partes: Uma primeira que discute a pesquisa educacional. Uma segunda que aponta discussões sobre o projeto de ensino “Universidade: que espaço é este?”. Uma terceira que focaliza as investigações desenvolvidas no âmbito do projeto de ensino “Construindo elos integradores no curso de Pedagogia”. Por fim, as considerações finais onde se destaca a importância da pesquisa, via projetos de ensino, no espaço universitário.

1- Pesquisa Educacional¹: focalizando o curso de Pedagogia.

Nos últimos anos a pesquisa educacional vem sendo desenvolvida no interior dos espaços educativos formais e junto da comunidade onde a escola está inserida. As técnicas de pesquisa que fazem parte da abordagem qualitativa têm sido enfatizadas, dentre elas as entrevistas, coleta de depoimentos orais e histórias de vida. Ainda é incipiente o número de pesquisas relacionadas aos espaços educativos não-formais e aos sujeitos que o compõem, tanto os educadores, quanto os participantes em geral. Neste tópico focaliza-se os resultados de pesquisas desenvolvidas com as acadêmicas do Curso de Pedagogia. O objetivo da pesquisa foi analisar os desafios que permeiam a futura atuação do educador, no campo formal e não-formal de educação.

É sabido que o futuro educador necessita perceber as diferentes estratégias teórico-metodológicas utilizadas no processo educativo, bem como identificar relações estabelecidas entre as pessoas de um determinado bairro, que participam de uma organização, e a escola. Investigar quais são os saberes produzidos em tais espaços e como eles podem contribuir para uma prática educativa menos neutra e menos distante dos sujeitos que dela participam, é uma das possibilidades oferecidas pelo ato da pesquisa.

Tanto se fala em “trabalhar com a realidade do aluno”, porém muitas vezes o próprio aluno não se dá conta de alguns elementos centrais de sua realidade, como pode, então, o professor trabalhar com uma realidade que ele, também, desconhece? Falar em realidade implica em identificar as múltiplas facetas que compõem um determinado contexto.

É comum entre os acadêmicos de Pedagogia a atitude de descrição dos fatos observados no cotidiano escolar. A observação constitui-se num dos caminhos para a

¹ - Este trabalho foi, preliminarmente, apresentado no Seminário Interestadual de Educação, ocorrido em Francisco Beltrão/PR, 2003.

interpretação de fenômenos que ocorrem no cotidiano da escola. No entanto, muitas vezes, o olhar do acadêmico está impregnado de pré-conceitos a respeito das relações que se passam no espaço escolar. Surgem comentários a respeito da indisciplina, sem de fato questionar o que seria a (in)disciplina; comentários sobre atuação autoritária de diretores e professores, sem no entanto, questionar os fundamentos da ação pedagógica, o processo de formação pelo qual tais profissionais passaram e o próprio contexto no qual estão atuando (quais relações de enfrentamento são postas no dia-a-dia).

Com relação ao trabalho de observação intra e extra-escolar, indicações metodológicas auxiliaram no conhecimento da realidade escolar: No *interior da escola*: observar a administração; infra-estrutura e dimensões pedagógicas. No *exterior da escola*: história do bairro [busca de depoimentos]; história da escola no bairro [fotos e depoimentos]; pessoas do bairro [quem são, de onde vieram, o que esperam da escola?]; outros espaços educativos [associações de moradores, igrejas, movimentos sociais etc]; situação sócio-econômica da comunidade escolar; mapeamento do bairro, destacando os referenciais geográficos.

Acadêmicas envolvidas num projeto de ensino destacaram os seguintes pontos: *“não estamos acostumados com pesquisa; há necessidade de uma teoria mais aprofundada, para a realização das interpretações; dificuldade em se integrar num ambiente tradicional de escola; estagiário passa a ser visto como uma pessoa que está na escola para vigiar os passos do professor; as professoras da escola querem ver as estagiárias trabalhando, eles querem os estagiários como auxiliares de seu trabalho”*².

As acadêmicas realizaram entrevistas e observações na escola. Trouxeram inúmeras questões que necessitavam de referenciais teóricos para que pudessem ser aprofundadas. Algumas das questões levantadas referiam-se ao projeto pedagógico da escola; à Associação de Pais e Mestres; à participação dos responsáveis pelos alunos, na escola; as idéias presentes no projeto da escola e a prática observada na escola etc.

Idéias vinculadas à participação, democracia e cultura era visível nos relatos das acadêmicas, ainda que não utilizassem tais termos. Relatos tais como: *“no projeto pedagógico aparece muito a idéia de participação e democracia, mas na prática, a gente não vê muita discussão”*; *“existem atitudes muito tradicionais na escola, a*

² - Neste item destaca-se o projeto desenvolvido pelas acadêmicas Andréa Cavagnari e Márcia Regina Kapfenberger, sob o título “Vivenciando o cotidiano de uma escola pública”.

própria idéia de que o estagiário é um auxiliar do professor ou ainda, a idéia de que o estagiário pode estar vigiando o trabalho do professor”³.

A idéia de *participação* foi discutida com as acadêmicas tendo como referência a classificação realizada por Bobbio, Matteucci e Pasquino (1992). A pretensão não era estigmatizar as ações observadas na escola, mas apenas aproximá-las de uma classificação analítica. Observa-se que grande parte das escolas possui associações de pais ou reuniões mensais, nas quais a característica da presença é marcante, em detrimento da participação do tipo “participação”. Isto pode se dever às características políticas e culturais da comunidade à qual pertence a escola, além de lembrarmos da dimensão histórica da participação presença, em nossa sociedade.

Constatou-se um avanço em relação às práticas desenvolvidas em períodos ditatoriais, por exemplo, mas não é possível afirmar a existência de práticas plenamente democráticas, nem no espaço micro e nem no âmbito nacional. No espaço micro ainda prevalece relações “caseiras” e de poder que inibem a participação efetiva dos atores do/no processo pedagógico. No espaço nacional e em termos conjunturais temos a efetivação de políticas educacionais oriundas dos “especialistas da educação”, em sua grande parte. Em menor parcela, nota-se a presença dos atores centrais/reais do processo pedagógico – professores. É a partir destas exemplificações que se questiona a democracia *proposta* e a democracia *posta*.

Atrelada à participação e democracia tem-se a idéia de cultura, analisada a partir das contribuições de Chauí, em sua obra “Conformismo e resistência”. A autora mostra as possibilidades e a realidade cultural tanto do conformismo quanto da resistência, no Brasil. De um lado, o processo de acomodação ou aceitação da realidade como se ela nos fosse dada. De outro lado, a autora mostra os exemplos de resistência no sentido de construção de alternativas, a exemplo teríamos os movimentos populares, que historicamente se mostram “não conformistas”.

Nos contextos escolares percebe-se, neste final de século, o convívio com “culturas híbridas”, ou seja, ao mesmo tempo, que se presencia o conformismo e aceitação de decisões educacionais, convive-se com práticas que buscam inovar as atitudes pedagógicas e a gestão escolar, assim como a relação com a comunidade,

³ - idem

desenvolvendo projetos alternativos de “escola democrática”. Por que salientar o aspecto cultural? Porque neste texto parte-se da hipótese que muitas das atitudes existentes no âmbito escolar estão em processo de transformação, ainda que lenta. Dentre algumas atitudes nota-se a idéia de disciplina [ainda vista como um problema nas escolas]; a idéia de que o aluno ou o professor deve ser culpado pelo fracasso escolar. Os professores se culpam, de um lado; alunos se culpam de outro, esquecendo-se de que a problemática extrapola as dimensões pessoais, pois são questões nacionais.

Buscar elementos integradores na prática pedagógica e, portanto, no curso de formação de educadores é de fundamental importância, entendendo que tais elos podem ser construídos na prática, no processo de pesquisa, no coletivo de professores e alunos. Espaços tais como os denominados Projeto de Ensino; os Projetos de Extensão e a prática da Pesquisa possibilitam uma revisão do nosso paradigma a respeito da “participação”. Torna-se um espaço no qual os acadêmicos, em menor número do que nas salas de aulas, sentem-se à vontade para desenvolver questionamentos e posicionamentos pessoais. Constitui-se um espaço público de debate e da existência do conflito construtivo.

Por meio das atividades desenvolvidas junto à disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa em Educação, são privilegiadas as reflexões sobre temas ligados à ampla área educacional. Nos últimos anos têm predominado projetos de pesquisa que objetivam analisar a educação de jovens e adultos; Clube de Mães; Associação de Pais e Mestres; educação em assentamentos rurais dentre outros.

Os professores pesquisadores têm se dedicado a análises que visam refletir a própria prática pedagógica. Em todos os campos de pesquisa, os atores da investigação não podem excluir a idéia de totalidade que permeia cada uma das relações focalizadas. A prática do professor pesquisador está inserida num TODO de relações nacionais e internacionais que perpassam o campo educacional. A particularidade de cada ação seja do professor ou do aluno, ou ainda da comunidade, é composta de elementos culturais [que traduzem uma ideologia] construídos historicamente no país. Um dos desafios atuais coloca-se no campo do rompimento com laços culturais que colocam o aluno no lugar do “aprendiz” e o professor no lugar de “transmissor de conteúdos”. *O professor necessita produzir conhecimentos, antes de transmiti-los; é por isto que se enfatiza a*

necessidade da pesquisa e dos espaços que a propiciam, nos cursos de graduação e no decorrer da formação continuada do profissional da educação.

2- Projeto de Ensino “Universidade: que espaço é este?”⁴.

O referido projeto teve como objetivos centrais analisar as características da pesquisa e da extensão na UEPG. No que se refere às características da pesquisa, o grupo realizou levantamento de dados acerca do número de pesquisas desenvolvidas, no período de 1990 a 2000, na instituição; o número de pesquisas existentes em cada um dos Setores da UEPG, bem como em cada um dos departamentos, por fim, analisou a titulação dos professores da UEPG. No que tange à extensão, foram identificados os projetos executados na década de 1990, bem como os temas, os Setores e os Departamentos nos quais são desenvolvidos.

O levantamento de dados foi realizado junto às Pró-Reitorias de Pesquisa e Pós-Graduação e de Extensão e Assuntos Culturais. A partir dos relatórios fornecidos por estas instâncias, foram organizados gráficos e debates acerca do tema pesquisa e extensão na UEPG. Paralelo a esta atividade realizou-se estudos de textos que fundamentaram as análises dos dados obtidos. Dentre os autores estudados destacam-se Inácio Filho (1995), especificamente a discussão empreendida sobre pesquisa na universidade; Artigos presentes na Revista Participação, intitulada “Repensando a extensão”, publicada pelo Decanato de Extensão da Universidade de Brasília (2001), artigos de Ianni (2002) no qual discute as características atuais do Brasil, no que se refere à perda de soberania e, portanto, de poder do Estado. O texto de Costa (2000), que contribuiu com as reflexões acerca da Reforma do Estado e da repercussão desta no campo da educação. Também, Góes (1991), em sua dissertação de mestrado, analisou a representação social da UEPG nos aspectos do ensino, extensão e pesquisa.

Neste projeto de ensino foi focalizada a pesquisa sobre o tema Universidade, sendo estudada a origem do termo Universidade e características da Universidade Brasileira. Assim, é possível apontar alguns aspectos retomados pelo grupo: No Brasil, em diferentes épocas, a universidade sofreu influência tanto do modelo francês quanto do modelo norte-americano de Universidade. Conforme afirma Inácio Filho (1995) “a universidade brasileira é muito jovem, tendo tornado-se realidade apenas no início do

⁴ - Será publicado na Revista *UEPG Publicatio*, Universidade Estadual de Ponta Grossa, a versão completa do artigo resultante do referido projeto de ensino. A publicação ocorrerá no segundo semestre de 2003, conforme aceite expresso pelo comitê científico.

século XX (...) O Brasil, em 1940, possuía apenas 21.235 estudantes universitários e formaram-se seis universidades por aglutinação de cursos, sendo que dez anos depois tínhamos 600 cursos, 15 universidades e apenas 37.548 estudantes universitários” (p.33).

Na atualidade, conforme dados do MEC, o Brasil possui 10.585 cursos de graduação presenciais, oferecidos por 1.180 instituições de Ensino Superior, com um total de 2.694.245 alunos. Dessas instituições de ensino, 176 são públicas (61 federais, 61 estaduais e 54 municipais) e 1004 são privadas. Tais números são decorrentes da ampliação do ensino superior nas décadas de 1960 e 1970 e, por último, na década de 1990. Como afirma DURHAM (2000, p. 245) “a taxa bruta de matrículas no ensino superior, calculada em relação à faixa etária de 20 a 24 anos, que é de 12 %, não pode deixar de ser considerada extremamente baixa, não só em comparação com os países desenvolvidos, mas inclusive em relação a países de renda per capita bem menor do que a brasileira”.

Com a ampliação dos níveis de Ensino Fundamental e Médio, a demanda pelo Ensino Superior tem aumentado. Diante da “crise de financiamento” que assola o setor estadual e federal, o setor privado encontra espaço para a sua expansão na década de 1990, principalmente nos últimos anos. Na região dos Campos Gerais, no estado do Paraná, por exemplo, é possível observar a expansão do ensino superior, centrado na criação de faculdades particulares, centros de ensino superior e universidades.

No final da década de 1990 muitos dilemas permearam o debate acerca da universidade pública, dentre eles a idéia de privatização. No entanto, cabe salientar que o processo de privatização das universidades públicas está em curso, mas num formato diferenciado daquele presente no imaginário da sociedade. A face da privatização é visualizada na oferta de cursos “pagos” no interior das instituições “públicas e gratuitas” de ensino. Durham (2000) destaca que “não houve uma privatização do ensino superior federal durante o Governo Fernando Henrique Cardoso. O aumento da participação do setor privado nos últimos 5 anos é muito pequeno, passando de 60,1% em 1995 a 60,7% em 1998 ...” (p.246).

É possível relacionar esta situação com a Reforma do Estado, que segundo Costa (2000) “... foi divulgada pelo governo FHC como condição para o ingresso do país na ‘modernidade globalizada’ (...) A reforma do Estado não foi colocada como um ponto

necessário para uma reforma social, ou um ajuste no padrão perverso de desigualdades sociais do país, mas como um elemento de ampliação da lógica da economia para o conjunto da sociedade” (p.65). Assim, no contexto da reforma do Estado, as universidades não sofreram ampliação em termos de construção de novas unidades, o número de vagas foi ampliado em função da ampliação do número de alunos por sala de aula; as verbas para pesquisa, além de serem hierarquizadas (sendo as ciências exatas e biológicas priorizadas) foram reduzidas, tanto no âmbito da pós-graduação, quanto dos programas de iniciação científica.

No campo educacional inúmeras transformações foram processadas nos últimos anos da década de 1990, dentre elas a introdução da mídia interativa no processo da formação de educadores. Também, o enfoque nas competências e habilidades dos alunos tem sido destacado como uma das centralidades da educação na atualidade. Fala-se muito na construção da cidadania, no entanto, a autonomia, que seria um dos pilares da cidadania, fica em segundo plano quando há a retomada da ênfase nos aspectos tecnicistas da educação.

Ianni (2002) destaca que “independentemente das intenções dos governantes ou mesmo das intenções do pessoal técnico da área de educação, não há dúvida de que a reforma do sistema de ensino que se realiza no mundo, não só no Brasil, é induzida em grande parte pelo Banco Mundial (...) o Estado, o governo está muito comprometido com as diretrizes que essas organizações multilaterais e as corporações transnacionais definem e impõem” (p. 33).

Diante disto, como pensar a universidade, a ciência e a sociedade? Como tem se manifestado a educação nos dias atuais? Qual tem sido o papel do educador? Estas foram reflexões empreendidas junto ao projeto de ensino “Universidade: que espaço é este?”. Durante os dois anos de atividade do projeto, foram realizadas palestras com profissionais que investigam a conjuntura nacional, a Reforma do Estado, a Universidade, portanto, destacou-se um conteúdo relacionado à totalidade das relações que perpassam o país e que influenciam direta ou indiretamente no processo de formação do educador. A atitude de pesquisa foi constante no projeto de ensino, uma vez que se trabalhou com levantamento de dados e pesquisa bibliográfica. Além dos destaques para os procedimentos inerentes ao processo de pesquisa, cada um dos

membros do projeto fez parte da elaboração coletiva de um artigo para ser publicado em periódico.

3- Projeto de Ensino “Construindo elos integradores no curso de Pedagogia”⁵.

O Projeto de Ensino: “Construindo elos integradores no Curso de Pedagogia” originou-se das reflexões realizadas com os professores e acadêmicos, especialmente no contexto das disciplinas de Métodos e Técnicas de Pesquisa e Prática Educativa.

As referidas reflexões apontaram a necessidade de re-significar o estágio, objetivando a inserção/intervenção do acadêmico na realidade educativa desde o 1º ano do curso por meio de projetos de ensino, pesquisa e extensão. Dentre as problemáticas vivenciadas nos cursos de formação de professores / Pedagogia, destaca-se a necessidade de aproximação entre a formação inicial/Universidade e a prática vivenciada nos diferentes espaços de educação, especialmente, no espaço escolar.

Estudos sobre a formação de professores e de pedagogos denunciam a concepção curricular propedêutica que fundamenta os cursos e que determina a ênfase na teoria, apresentando a prática como comprovação/experimentação de um dado conhecimento, tido como “verdadeiro/ universal” e, portanto, único referente para explicar os acontecimentos no contexto em movimento.

Nesse âmbito, ocorre uma supervalorização dos conhecimentos “acadêmicos”, ressaltando-se a visão “aplicacionista” da teoria. Historicamente, as propostas curriculares expressam a lógica da racionalidade técnica (GÓMEZ, 1992) e refletem a forma “etapista” de conceber o conhecimento, decorrente dos processos de divisão do trabalho. Num outro extremo, na tentativa de re-dimensionar os currículos desses cursos, são vivenciados um “ativismo pedagógico” ou um “praticismo didático” em que se enfatiza a resolução de questões imediatas da prática. Nesse sentido, perde-se a compreensão teórica da prática e excluem-se os determinantes históricos e políticos das questões relacionadas com o cotidiano do trabalho do professor.

Torna-se um desafio enfrentar e superar os problemas oriundos de uma matriz propedêutica de curso, que ainda revela a divisão disciplinar e a concepção de estágio

⁵ - Análise preliminar deste projeto foi apresentada no Congresso Internacional de Educação, realizado na cidade de Cianorte/PR, 2001.

como prática utilitária, incluindo-se a fragmentação do conhecimento, decorrente das reformas tecnocratas e da própria concepção de teoria fundamentada no paradigma da racionalidade.

Considerando-se a problemática em questão, o trabalho realizado no projeto fundamentou-se na concepção de unidade entre teoria e prática, compreendendo a prática educativa como um necessário fio condutor dos cursos de formação de educadores.

A unidade teoria-prática fundamenta-se na concepção de práxis (VÁZQUEZ, 1968) e é preciso constatar que existe entre estes pólos uma relação de simultaneidade e reciprocidade, autonomia e dependência, expressando-se uma dinamicidade. A teoria não comanda a prática no sentido de torná-la dependente de idéias pré-concebidas, mas também não se anula, dissolvendo-se na prática. A prática, por sua vez, não anda à reboque da teoria, tornando-se uma mera aplicação desta ou apenas sendo útil a determinados interesses.

Todo esse processo não é linear, mas complexo, e nele, algumas vezes se passa da teoria para a prática e vice-versa. Assim, somente pela abstração pode-se isolar e separar tais elementos.

Também Vieira Pinto (1979) auxilia nesta compreensão quando afirma que a reflexão abstrata não existe separada do plano objetivo, desligada da prática, ou sem utilidade para esta. Complementa explicitando que não há trabalho, nem ação prática sobre o mundo material que não resulte numa representação teórica e não determine o surgimento de novas idéias, como também a descoberta de relações inéditas entre teoria e prática.

O projeto de ensino apresentou-se como uma das possibilidades de contribuir para a efetivação da unidade teoria-prática, abrindo-se um espaço a mais para os acadêmicos inserirem-se na realidade escolar e em outros espaços educativos não formais. Estes espaços são envoltos por contradições, das quais decorrem as problematizações geradoras do conhecimento.

O trabalho realizou-se, basicamente, a partir da proposta já realizada nas disciplinas de Prática Educativa e Métodos e Técnicas de Pesquisa. Os acadêmicos, que desejaram ampliar suas análises da prática, realizaram carga horária complementar e participaram de atividades específicas deste projeto, iniciando um trabalho de pesquisa,

fundamentado na concepção de práxis, sob o enfoque de uma metodologia problematizadora.

No projeto ora apresentado, acadêmicos de diferentes séries do curso de Pedagogia e uma acadêmica do curso de Letras mergulharam em diferentes espaços educativos e levantaram indagações sobre os mesmos, centralizando uma temática considerada significativa como objeto de estudo. A partir disso, abordaram categorias, buscando aprofundar seus estudos e confrontá-los com os dados colhidos.

Ao tematizar a prática, buscou-se levantar pontos-chave dos problemas, contextualizando-os num dado momento histórico, analisando assim seus determinantes e seus desdobramentos. O estudo desses elementos concretiza um processo de teorização. Ao teorizar é possível fundamentar e relacionar as idéias e representações já disponíveis, passando-se à sistematização e organização das informações.

No trabalho em tela, os acadêmicos se fundamentaram nos princípios da pesquisa exploratória e de campo. Durante a investigação e a teorização explicaram e discutiram as informações colhidas com o grupo e com os professores da Prática Educativa e de Métodos e Técnicas de Pesquisa. A partilha de experiências em diferentes momentos (seminários, grupos de estudo, assembléias e outras), contribuiu para fundamentar as análises e possíveis encaminhamentos teórico-práticos para cada proposta.

A seguir, apresenta-se uma mostra dos projetos realizados, destacando os pontos centrais investigados e abordados pelos acadêmicos.

3.1- A INCLUSÃO DOS SURDOS NO ENSINO REGULAR⁶

Analisou-se as dificuldades encontradas no ensino regular quanto ao processo de inclusão dos alunos portadores de necessidades especiais – surdez. A autora coletou dados através de entrevistas com professores e supervisores e de observações realizadas durante visitas às escolas municipais, juntamente com o serviço itinerante do ensino especial. Serviço que visa a partilha de experiências entre as escolas do ensino regular e especial, bem como analisar o aprendizado do aluno surdo, detectar suas dificuldades e planejar alternativas de ensino.

Buscou-se investigar a compreensão sobre o processo de inclusão; o conhecimento da linguagem própria dos surdos; o comportamento deste aluno numa

⁶ - Este projeto foi desenvolvido pela acadêmica Rúbia Carla da Silva.

sala de aula regular; os possíveis benefícios da inclusão e a quem esta realmente beneficia; as sugestões dos envolvidos para que realmente a inclusão se efetive.

Concluiu-se que não existe a compreensão, nem a preparação adequada dos profissionais no ensino regular para “incluir” o aluno surdo. A preparação constitui um fator chave para a existência de uma escola inclusiva. Além disso, os currículos devem incluir programas transicionais específicos e que a inclusão causa uma mudança na perspectiva educacional que envolve os professores, os demais alunos, o pessoal administrativo, a equipe pedagógica, as famílias e que isto não ocorre. A inclusão demanda ações políticas efetivas, o que não é demonstrado na prática.

A investigação ressalta como um aspecto necessário que a Universidade assuma o papel de centro de pesquisa destes temas com vistas ao enfrentamento das problemáticas, auxiliando na formação e na informação dos profissionais que atuarão nas escolas.

3.2- A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – OFICINAS DE TEXTOS: Articulando ensino, pesquisa e extensão⁷.

Nesse trabalho buscou-se a análise de questões problemáticas no espaço do ensino fundamental, na educação de jovens e adultos. As autoras levantaram, junto aos alunos, as suas dificuldades por meio de observação sistemática. A partir disso, desenvolveram a investigação através de uma ação compartilhada, que resultou na oficina de textos.

Um importante elemento destacado foi a necessidade de conhecer como o adulto aprende. Teorizou-se a concepção de “Andragogia” que explicita o processo de aprendizagem do aluno adulto.

Depreende-se do estudo que o aluno adulto tem uma gama de experiências acumuladas ao longo da sua história de vida, e isto precisa ser considerado nas propostas curriculares e metodológicas, contribuindo para a eficiência da aprendizagem dos conteúdos sistematizados pela escola.

A investigação realizada aponta que faz-se necessário o re-pensar das propostas educacionais para adultos no que se refere aos currículos, às metodologias de ensino, à

⁷ - Este projeto foi desenvolvido pelas acadêmicas Ângela Beatriz Kaspuniak,, Ângela Ribeiro Redkva e Fátima Ligiski.

própria organização do espaço da sala de aula, à valorização das discussões em grupos, à forma como se trabalha o “erro” do adulto, ao conceito de auto-estima.

3.3- A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – ATENDIMENTO INDIVIDUAL: articulando ensino, extensão e investigação⁸.

Através de uma proposta de orientação individual a jovens e adultos em fase de alfabetização, a acadêmica centralizou sua análise nas concepções que fundamentam o ensino e a aprendizagem destes alunos quanto ao processo de leitura e escrita. Três pontos foram abordados: o significado atribuído à leitura e à escrita, a formação do professor para trabalhar com o aluno adulto e o processo de avaliação neste segmento de ensino.

A autora constatou que para o adulto atribuir significado à leitura, torna-se necessário uma relação dinâmica entre a leitura da palavra e a leitura da realidade, já realizada por ele. Além disso, não basta a existência de materiais instrucionais individualizados, mas sim a mediação do professor que auxilie o adulto na auto-regulação da aprendizagem (formação do professor). Ainda afirma que os adultos têm procedimentos mentais –cognitivos diferentes das crianças e isto é fundamental num processo de avaliação da sua aprendizagem.

3.4- A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO ENSINO NOTURNO: dois projetos voltados para a pesquisa no ensino noturno⁹.

A investigação teve como objetivo identificar as *principais dificuldades enfrentadas por alunos e professores no processo ensino-aprendizagem*, analisando a metodologia utilizada pelos docentes. As acadêmicas realizaram uma pesquisa exploratória, utilizando-se de observações, entrevistas e análise documental – proposta pedagógica da instituição.

Constataram que havia um descompasso entre o que a proposta pedagógica intencionava e a prática realizada. Apesar do grande interesse por parte dos alunos (verificada na observação e nas entrevistas), a metodologia não permitia a relação significativa com os conteúdos propostos, não existindo a relação/interação entre os alunos. Os dados demonstraram que a metodologia desenvolvida fundamentava-se num

⁸ - Este projeto foi desenvolvido pela acadêmica Andresa Marcon.

modelo tradicional, que enfatizava os conteúdos como descontextualizados e numa visão idealizada de sociedade.

As questões abordadas possibilitaram a análise das concepções conservadoras de ensino na nossa prática escolar, alertando os futuros pedagogos para a intervenção e a sua mediação na superação dessas práticas.

Numa outra investigação realizou-se observação na escola como um todo, entrevistas com a equipe administrativa e pedagógica, questionários para os alunos. A autora destacou os eixos: *Projeto pedagógico e função social da escola, trabalho coletivo e gestão democrática, a relação ensinar e aprender e avaliação.*

Na análise realizada enfatizou que os adultos são alunos que abandonaram a escola por diversos motivos e existe uma dificuldade muito grande em resgatar o que foi deixado para trás, em termos de escolaridade. A partir dos dados, depreendeu que os alunos adultos devem ser ouvidos e investigados os motivos que os levaram a abandonar a escola. Na concepção da autora, isto deve ser o ponto de partida para a organização da prática escolar neste âmbito de ensino, pois pôde constatar que a escola não se prepara para tal desafio.

Portanto, este projeto de ensino possibilitou o exercício da pesquisa e da prática educativa, assim as acadêmicas puderam levantar questionamentos que estarão presentes na sua prática educativa futura.

Considerações finais.

A atividade do Ensino e da Pesquisa tem possibilitado uma retomada dos conteúdos vivenciados em sala de aula, tanto no momento “formativo”, quanto no momento da “prática educativa” dos envolvidos. Tais projetos (de ensino e de pesquisa) possibilitaram um repensar do tempo vivido na escola e uma reflexão sobre as características da concepção de educação que querem que fundamente a sua prática educativa. Possibilitaram a ampliação dos conhecimentos acerca dos conceitos pesquisa, ensino, universidade, inclusão, educação, participação e democracia, para citar alguns.

A indissociabilidade entre ensino e pesquisa é fundamental na formação do educador, pois é o elo que possibilita a construção de novos conhecimentos, bem como o reconhecimento daqueles historicamente sistematizados. Foi possível observar, ao

⁹ - Este projeto foi desenvolvido pelas acadêmicas Karen Regina Catapan, Francieli Brandt Vieira e Kelly Cristina dos Santos.

longo dos projetos, as inquietações e construção conceituais elaboradas pelas acadêmicas, que num primeiro momento teciam a seguinte indagação: “como analisar o que vemos?”.

Referências.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. 4.ed. Vol. 2, Brasília: Editora da UnB, 1992.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil.. SP: Brasiliense, 1986.

COSTA, Lúcia Cortes. O governo FHC e a reforma do Estado brasileiro. In: **Pesquisa e Debate**, vol 11, nº 1(17). Revista do Programa de Estudos e Pós-graduados em Economia Política. PUC/SP, 2000.

DURHAM, Eunice Ribeiro. A educação no governo Fernando Henrique Cardoso. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, 11(2), outubro de 1999. Editado em 2000.

GÓES, G. T. A representação social da Universidade Estadual de Ponta Grossa. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1991.

GÓMEZ, A. P. O pensamento prático do professor e a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A. (coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

IANNI, Octavio. Esse governo fez do país uma província do capital mundial. Entrevista concedida à **Revista Caros Amigos**. São Paulo, janeiro de 2002. (p. 30-33)

INÁCIO FILHO, Geraldo. **A monografia na universidade**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

VÁZQUEZ, Adolfo S. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ciência e existência**: problemas filosóficos da Pesquisa científica. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1979.